

A Poesia de Patrícia Galvão (1910-1962)

MAURO NEVES Jr.

1922年2月11日から17日までサンパウロで行われ、ブラジル現代文学の出発点となった「近代芸術週間」が本年で80周年を向かえた。それに伴い、ブラジルで様々なイベントや講演会が行われただけではなく、その「近代芸術週間」に参加した作家たちの作品や活躍などについて様々な論文も出版された。

この「近代芸術週間」から生まれた近代主義第一世代のただ一人の女流作家、パトリシア・ガルヴァオン(1910年 - 62年)の詩の解説が、この論文の主な目的である。

パトリシアは「パゲー」の名で知られ、近代主義第一世代（モダニズム）における詩神ともいえる人物であり、純粋なプロレタリア文学を代表するブラジル唯一の作家でもある。彼女はブラジル推理小説の創始者でもあるが、その功績は歴史や文学評論から殆ど無視され、今まで正当に評価されることはなかった。

特に詩人としての才能は全くといっていいほど評価されてきていないので、本稿はパトリシアの詩を解釈している希な論文だと言えよう。本稿を通し、パトリシアの詩に興味を抱いていただければ幸いである。

I. Introdução

Temos por objetivo primordial, neste breve artigo, analisar três poemas de fases distintas da carreira literária daquela que foi a única integrante feminina do grupo literário central que deu origem ao Modernismo, cujo início oficial completa oitenta anos em 2002, e o afirmou nas letras brasileiras: Patrícia Galvão, mais conhecida simplesmente como Pagu.

Mas quem foi Pagu?

Patrícia Galvão, musa do movimento modernista liderado por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral; autora do único exemplar brasileiro de uma autêntica literatura proletária e, criadora da novela policial

brasileira foi praticamente ignorada por nossa história e críticos literários, que não a deram o devido valor, vindo a ser devidamente recuperada apenas na década de 80, primeiramente com o livro de Augusto de Campos (1987)¹, e mais tarde, com a cinebiografia dirigida por Norma Bengell (*Eternamente Pagu* 1987).

Patrícia Galvão nasceu em São João da Boa Vista, interior paulista, no ano de 1910, mudando-se para São Paulo aos três anos de idade.

Em 1924 passou a freqüentar a Escola Normal do Brás, bairro que mais tarde retrataria com cruel realidade e ironia em seu romance proletário *Parque Industrial*.

Já no ano seguinte iniciava sua carreira jornalística, assinando Patsy para esconder sua verdadeira identidade, recurso este do qual faria uso intensamente durante sua carreira literária.

Em 1927 participou de um concurso da Fox para a procura de uma nova estrela do cinema nacional, conhecendo nessa oportunidade o ator e cineasta Olympio Guilherme, o qual a levaria ao círculo de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral no ano seguinte, o que daria início à sua carreira literária e um novo rumo à sua vida pessoal.

Na mesma ocasião em que conhece Oswald e Tarsila, Patrícia Galvão passa a ser simplesmente Pagu, nome que lhe é dado pelo poeta Raul Bopp, o qual inspirado nela publica o poema “Coco de Pagu”.

No ano seguinte, não só ela se afirmaria como escritora, como também como musa definitiva do movimento antropofágico liderado por Oswald de Andrade, com o qual teria também um envolvimento amoroso.

Sua carreira literária iniciou-se oficialmente em maio de 1929, quando teve início o *Romance da Época Anarquista, ou, Livro das Horas de Pagu que são Minhas*, escrito em conjunto com Oswald, livro este que só viria a ser concluído em 1931.

É uma obra típica do Modernismo antropofágico e vanguardista, misturando desenhos, reflexões, poemas e ficção. Infelizmente jamais

¹ Augusto de Campos *Patrícia Galvão Pagu: vida-obra*, Brasiliense, São Paulo, 1987.

veio a ser publicada. Obra meramente passional e de momento revela o início do romance entre seus dois co-autores.

Ainda durante esse ano de 1929, Pagu escreveria *Pagu- Nascimento Vida Paixão e Morte, ou, O Álbum de Pagu*, coletânea de poemas dentro dos moldes antropofágico-modernistas, os quais já nos revelam uma autora madura, apesar da precocidade, e que nos jogam à face toda a ironia mordaz que viria a ser sua marca registrada. É desta obra o primeiro poema que analisamos aqui.

A partir de janeiro de 1930, ano da Revolução liderada por Getúlio Vargas, Pagu passa a viver com Oswald de Andrade, tendo com este em setembro um filho, Rudá de Andrade.

Em outubro, Pagu participa das agitações de rua resultantes da Revolução Getulista. Esse veio a ser o início do seu interesse pela vida política do país, à qual se dedicaria quase que completamente nas duas fases seguintes da sua vida.

Em dezembro, ao realizar um recital poético em Buenos Aires, conhece Luís Carlos Prestes, o qual viria a pairar indiretamente sobre o desenrolar de sua vida até a década de 50.

Ao regressar para o Brasil, extremamente marcada pelo encontro com Prestes, filia-se, já em janeiro, ao Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Entre 27 de março e 13 de abril edita e redige juntamente com Oswald de Andrade, o qual acabara sendo levado ao comunismo pela esposa, o panfletário *O Homem do Povo*. Pagu exerce várias atividades neste jornal, além de ser um de seus proprietários. Fora os artigos diversos que escreve, é a responsável pelas ilustrações, vinhetas, charges, títulos e legendas, bem como pela história em quadrinhos “Malakabeça, Fanika e Kabeluda” e pelas seções de “Correspondência” e “A Mulher do Povo”. Datam de então vários de seus outros pseudônimos: Pt., P., P.G., Irmã Paula, G. Léa, K. B. Luda e Peste.

O destaque principal de suas atividades para esse jornal deve ser dado, no entanto, à história em quadrinhos sob sua responsabilidade,

onde ela ridiculariza as feministas burguesas, exalta as trabalhadoras das fábricas paulistas e critica diretamente a burguesia paulista com toda a sua ineficiência em combater o início do fascismo getulista.

Assim como os seus outros artigos para o mesmo jornal, a sua prosa é marcada pelos ideais comunistas que abraçara e já completamente desvinculada da Pagu, musa de um movimento oligárquico e burguês por excelência como fora o Modernismo paulista.

Após participar de um comício em homenagem a Saco e Vanzetti realizado em Santos, em agosto, no qual um dos líderes dos estivadores em greve morreu baleado pela polícia em seus braços, é presa como agitadora. Pagu torna-se, assim, a primeira presa política brasileira, sendo torturada e permanecendo presa até o final do mês de setembro.

No ano seguinte muda-se sozinha para uma vila operária no Rio de Janeiro e segue trabalhando, ora como operária, ora como lanterninha de cinema, sempre ligada ao PCB.

Sua decisão de viver por um ano como proletária revela ao mesmo tempo sua visão prática do comunismo, como uma doutrina a ser exercida e não meramente defendida - como faziam muitos outros escritores da mesma década - e, a preparação eficaz e realista para tudo o que pretendia expor no seu romance proletário, *Parque Industrial*, o qual segue escrevendo ao longo desse mesmo ano.

Ainda em 1932 inicia sua colaboração como jornalista junto ao *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, a qual acabaria por levá-la à sua viagem ao redor do mundo como correspondente internacional - a primeira mulher a ser indicada para tal posição na história do jornalismo brasileiro - a partir de dezembro de 1933.

Em 1933 publica, com dinheiro de Oswald e sob o pseudônimo de Mara Lobo, por exigência do PCB que aprovara o projeto, mas não queria comprometer-se com as atividades militantes de Pagu, o *Parque Industrial - romance proletário*.

Neste mesmo ano inicia uma viagem ao redor do mundo como correspondente, simultaneamente, do *Correio da Manhã* e do *Diário de*

Notícias do Rio de Janeiro e, do *Diário da Noite* de São Paulo, viagem esta que a levaria pelo seguinte trajeto Panamá, Califórnia, Japão, Manchúria, China, Sibéria, Rússia, Polônia, Alemanha e França, onde fixaria residência.

Viveu na capital francesa inicialmente com a cantora brasileira Elsie Houston, esposa do poeta Benjamin Péret, entrando em contato com vários dos poetas surrealistas franceses, acabando mesmo por se envolver com um deles, René Crevel, cujo suicídio em junho de 1935 a abalou profundamente.

Durante sua estadia em Paris, três foram as suas atividades principais, todas exercidas sob o nome falso de Leonnie: seguir frequentando a *Université Populaire*; trabalhar como tradutora para os estúdios da Billancourt, onde acabou se envolvendo com o ator Jean Gabin, e como redatora para o *L'Avant-Garde*, e; exercer atividades como militante do Partido Comunista Francês (PCF). Após ter sido detida por três vezes, foi finalmente indiciada como militante comunista estrangeira em setembro. O governo Laval decidiu submetê-la ao Conselho de Guerra, mas o embaixador brasileiro Souza Dantas interveio a tempo e conseguiu a sua repatriação para o Brasil, o que veio a ocorrer em novembro.

De volta ao Brasil, seguiu trabalhando como jornalista, desta feita para o jornal *A Platéia*, até ser presa em consequência da Intentona Comunista de 1935. Antes da sua prisão, separara-se definitivamente de Oswald e começara seu envolvimento com Geraldo Ferraz.

Em 1938, após o advento do Estado Novo, foi presa novamente e condenada a dois anos e meio de prisão pelo Tribunal Nacional de Segurança. Entre os quatro anos e meio que esteve detida passou por vários presídios.

Em 1940, finalmente libertada, casou-se com Geraldo Ferraz, o qual viria a ser seu companheiro inseparável até o final da vida.

Em 1944 publicou uma série de novelas policiais sob o pseudônimo de King Shelter para a revista *Detective*, dirigida por Nelson Rodrigues;

sendo que a sua identidade como autora dessas novelas só veio a ser revelada e confirmada recentemente por seu próprio filho com Geraldo Ferraz, Geraldo.

Em 1945 saiu a primeira edição do seu segundo romance, *A Famosa Revista*, escrito em conjunto com o esposo, Geraldo Ferraz.

Nesse mesmo ano Patrícia deu início a uma atividade que exerceria ao longo dos próximos onze anos: redatora da Agence France-Press, tanto no Rio como em São Paulo.

Ainda em 1945, integrou juntamente com Ferraz, Mário Pedrosa, Hilcar Leite e Edmundo Moniz, a redação do periódico *Vanguarda Socialista*, onde publicaria artigos políticos e críticas de crônica literária, uma destas - a mais famosa delas - um ataque arrasador a Jorge Amado, dando início a uma polêmica que só viria a ter fim com a morte de Patrícia.

Em 1946 deu início, juntamente com o esposo, ao Suplemento Literário do *Diário de São Paulo*, aos domingos, entre 24/11/1946 e 28/11/1948.

Ligada a este mesmo suplemento literário, publicou em 1948, primeiramente uma dura crítica ao Congresso de Poesia realizado em São Paulo em maio, do qual participara, acusando a geração de 45 de oca e sem ideais quando comparada à de 22, e; a seguir, sob o pseudônimo de Solange Sohl, o poema *Natureza Morta*, a 15/08/1948, poema este que influenciaria escritores de uma nova geração de poetas, a de 1956, sobretudo Augusto de Campos. Este vem a ser o segundo poema da autora por nós aqui analisado.

Em 1949, publicou um texto em prosa poética intitulado *Poema do Naufrágio*, em homenagem ao poeta Murilo Mendes, no suplemento "Literatura e Arte" do *Jornal de São Paulo* de 04/09/1949.

Em fins de abril de 1950 veio a ser lançada a sua candidatura à Assembléia Legislativa de São Paulo pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Suas idéias políticas de então foram explicitadas no panfleto político de sua autoria, *Verdade e Liberdade*, publicado em junho deste

mesmo ano. Ao perder a eleição desiluiu-se completamente da política e durante o ano de 1951 deu-se o encontro com uma nova motivação: o teatro.

A partir de 1955 passou a se dedicar quase que exclusivamente ao teatro, quer fosse traduzindo peças, ou escrevendo para *A Tribuna* a seção “Teatro Mundial Contemporâneo” (entre 03/07 e 02/10/1955) e posteriormente a seção “Palco e Atores” (entre 31/03/1957 e 23/10/1961), ou ainda dando início aos espetáculos da Escola de Arte Dramática de Santos.

No ano seguinte, a 28/05, inauguraram-se as atividades do Teatro Universitário Santista, sob sua orientação.

Ainda em 1956, Patrícia criou para *A Tribuna* a coluna “Viu? Viu? Viu?” de comentários sobre os programas de TV, escrevendo sob o pseudônimo de Gim. Esta coluna, a qual seguiria publicando entre 16/05/1956 e 23/09/1962, foi a primeira voltada para a TV em todo o país, fazendo com que mais uma vez Patrícia se colocasse à frente do seu tempo.

Seguindo com suas atividades jornalísticas, de tradução e teatrais, Patrícia descobriu o dramaturgo espanhol Arrabal, o qual viria a se constituir na sua grande inspiração e mais forte influência a partir de 1959.

Neste mesmo ano traduziu a peça desse mesmo autor, *Fando e Lis*, e a encenou em outubro em Santos, dirigindo-a conjuntamente com Paulo Lara, dentro das atividades do II Festival Regional de Teatro Amador de Santos, no qual veio a receber quatro prêmios e três menções honrosas. Em janeiro de 1960, Arrabal manifestou-se em Nova York sobre a ousadia de Patrícia em ser a primeira realizadora a encenar, no mundo todo, sua peça *Fando e Lis*. Patrícia levou ainda essa mesma peça a São Paulo e pelo interior paulista entre fevereiro e maio desse mesmo ano.

Em novembro publicou em *A Tribuna* seu poema *Canal*, onde é possível já sentir-se o seu pessimismo e descrédito com a vida, cada vez

mais crescentes.

Em 1961 veio a ter seu primeiro contato com o governo federal desde a época das suas atividades como militante comunista, só que desta vez a convite do próprio governo e como parte integrante deste, quando o presidente Jânio Quadros a convidou para tomar assento na Comissão Nacional de Teatro do Conselho Nacional de Cultura, atividade que veio a exercer entre maio e a renúncia do presidente em agosto.

A 23/09/1962 saiu publicado em *A Tribuna*, aquele que seria seu último texto publicado ainda em vida, o poema *Nothing*. É um poema ao mesmo tempo irônico, agressivo, amargo e cheio de veracidade, quase que uma despedida, dominado pela palavra “nada”. Este vem a ser o terceiro e último poema por nós analisado aqui.

Veio a falecer a 12/12 de câncer pulmonar na sua amada Santos.

II. A Poética de Pagu

A obra poética de Pagu sofreu profundas alterações aos longos dos anos, evoluindo de uma poesia marcadamente vanguardista dentro dos modelos estabelecidos pelo Modernismo, impregnada de coloquialismos e sem qualquer preocupação formal - sendo este o caso dos seus poemas anteriores ao seu envolvimento com o PCB; passando por uma poesia contida, introspectiva e quase mesmo que neo-simbolista, a qual iria influenciar toda uma geração de poetas durante a década de 50, e; terminando por chegar a uma poesia internacionalizada e de fundo universal, marcada pelo seu sofrimento interior e pelo espírito de abandono da vida, cada vez mais próxima do seu amor pela poesia francesa, sobretudo do Surrealismo e do Decadentismo e, também de poetas portugueses como António Nobre e Florbela Espanca.

Antes de mais nada é necessário reiterar-se que a obra poética de Pagu foi e continua a ser em grande parte ignorada pelos críticos e estudiosos literários em geral. Isso se deve a dois fatores principais.

Primeiramente ao fato de que sua maior e mais representativa obra continua a ser o romance proletário *Parque Industrial*.

Em segundo lugar, pode-se dizer que em meio a tantos outros poetas trazidos a cenário pelo Modernismo e posteriormente a este, Pagu segue sendo um nome ofuscado entre o de grandes poetas da sua geração, tais como Carlos Drummond de Andrade, seu grande admirador; Cecília Meireles, a poetisa brasileira de maior projeção sem nenhuma sombra de dúvida, e tantos outros.

É por isso também que nos resolvemos a voltar os olhos para a sua obra poética e não para a sua prosa, esta por nós já analisada em outras ocasiões.²

É possível dividir a sua obra poética em três fases distintas: a primeira cobrindo o seu período modernista propriamente dito, ou seja, de 1929 a 1933; a segunda como Solange Sohl, entre 1948 e 1955, e; a última referente aos últimos anos de vida, entre 1960 e 1962.

Seus poemas da primeira fase, como já dissemos, são reflexo da doutrina modernista da primeira geração do movimento e da forte influência exercida sobre ela por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.

Assim sendo, são poemas de cunho extremamente pessoal e ligados a caricaturas e desenhos que os acompanhavam, os quais infelizmente não poderemos reproduzir aqui.

É uma poética simples e direta, profundamente coloquial.

Os poemas de Solange Sohl, seu pseudônimo como poetisa na segunda fase, são por sua vez profundos e em grande parte ligados ao Neo-Simbolismo na sua vertente mais filosófica representada sobretudo por Murilo Mendes.

Em muito são poemas que refletem a passagem ao mundo dos sonhos (“la poétique de la rêverie”, como dizia Bachelard), marcada pela transubstanciação do sentimento poético à intimidade da poética em

² Mauro Neves Jr. “Patrícia Galvão (1910-1962): De musa do modernismo a incentivadora do teatro” 『ラテンアメリカ研究年報』第20号、2000年、日本ラテンアメリカ学会、145～162頁。マウロ・ネーヴェス・ジュニオール 「Parque Industrial」 『世界文学』第91号、2000年、世界文学会、15～16頁。

geral. Servem quase que como passagem entre motivos seiscentistas e o Concretismo que viria depois. São também reflexo da crítica pessoal de Pagu à poesia seca e anti-sentimental da geração de 45, representada principalmente por João Cabral de Melo Neto.

Os poemas da sua última fase, muitos deles dispersos e publicados somente após a sua morte, ou ainda por publicar, refletem a angústia pessoal que a tomou com o avanço da doença pulmonar que acabaria por levá-la deste mundo.

São textos aos quais se pode dizer faltar acabamento - provavelmente porque não se tencionava publicá-los - mas marcados por características bem comuns ao Decadentismo português do início do século XX ou ao Surrealismo francês da mesma época.

A seguir analisaremos três poemas de sua autoria e de diferentes fases de sua obra.

III. Três poemas

... a minha gata é safada e corriqueira ...
arremeda “picassol”
trepa na trave do galinheiro e preguiçosamente escancara a
boca e as pernas.
... a minha gata é vampira ...
mimo de um italiano velho e apaixonado, general de brigada, dois
metros de altura, pelado e sentimental, atavismo.
o luxo da minha gata é o rabo
ela pensa que é serpente ...

Neste poema, o mais famoso de *Pagu- Nascimento Vida Paixão e Morte, ou, O Álbum de Pagu*³, e que foi pela própria Pagu encenado de forma bastante eclética numa festa beneficente realizada no Teatro

³ Patrícia Galvão (Pagu) *Nascimento vida paixão e morte* in: Augusto de Campos *Patrícia Galvão Pagu: vida-obra*, Brasiliense, São Paulo, 1987, p. 51.

Municipal de São Paulo a 5 de junho de 1929, é possível sentir-se bem o que comentamos já anteriormente sobre os primeiros poemas de Pagu: a sua coloquialidade e o seu vanguardismo dentro dos moldes modernistas.

Seguindo a mesma liberdade de forma expressa por outros poetas modernistas do Movimento Antropofágico, principalmente seu mentor - Oswald de Andrade, Pagu quebra completamente a estrutura poético-frasal até então imposta como modelo de perfeição poética. Por isso mesmo há versos terminando em artigo ou em numeral seguindo a frase no verso seguinte como se se tratasse de um diálogo bem natural.

A própria temática é bastante distante dos grandes temas propostos anteriormente ao Modernismo pela poesia brasileira, aproximando-se do cotidiano (animal de estimação) de forma até bastante pueril. É preciso lembrar que Pagu tinha apenas 19 anos ao escrevê-lo.

No entanto, pode se perceber já a qualidade poética que a autora atingiria mais tarde, através da criação vocabular (picassol= pica-pau + sol); desformatação do substantivo em adjetivo (atavismo por atávico), e; personificação acoplada de metáfora (gata sentindo-se serpente, serpente esta reflexo e símbolo do pecado, talvez expressando a própria ligação escandalosa entre Pagu e Oswald). Poder-se-ia mesmo interpretar todo o poema como uma forma jocosa de expressar metaforicamente a ligação amorosa entre Pagu (a gata vampira, safada e corriqueira que julga ser serpente) com Oswald (italiano velho apaixonado, pelado e sentimental, atávico).

É realmente uma pena não podermos aqui colocar também o desenho, também de Pagu, que acompanha o poema.⁴ Na verdade nessa sua primeira obra e também nas suas atividades ligadas ao panfletário *O Homem do Povo*, Pagu acopla de forma magistral charge, caricatura, desenho e palavra, criando uma forma muito própria de expressão e bem próxima da obra mais tarde realizada por Millôr Fernandes. Isso

⁴ Remetemos o leitor para a edição completa de *Nascimento vida paixão e morte* in: Augusto de Campos *Patrícia Galvão Pagu: vida-obra*, Brasiliense, São Paulo, 1987, p. 45-59.

só revela mais uma vez o seu lado pioneiro e, poderíamos mesmo dizer, de precursora de uma cultura pop jornalística.

Natureza morta⁵

Os livros são dorsos de estantes distantes quebradas.
Estou dependurada na parede feita um quadro.
Ninguém me segurou pelos cabelos.
Puseram um prego em meu coração para que eu não me mova
Espetaram, hein? a ave na parede
Mas conservaram os meus olhos
É verdade que eles estão parados.
Como os meus dedos, na mesma frase.
Espicharam-se em coágulos azuis.
Que monótono o mar!

Os meus pés não dão mais um passo.
O meu sangue chorando
As crianças gritando,
Os homens morrendo
O tempo andando
As luzes fulgindo,
As casas subindo,
O dinheiro circulando,
O dinheiro caindo.
Os namorados passando, passeando,
O lixo aumentando,
Que monótono o mar!

Procurei acender de novo o cigarro.
Por que o poeta não morre?

⁵ Augusto de Campos *Op. cit.*, p. 169.

Por que o coração engorda?
Por que as crianças crescem?
Por que este mar idiota não cobre o telhado das casas?
Por que existem telhados e avenidas?
Por que se escrevem cartas e existe o jornal?
Que monótono o mar!

Estou espichada na tela como um monte de frutas apodrecendo.
Si eu ainda tivesse unhas
Enterraria os meus dedos nesse espaço branco
Vertem os meus olhos uma fumaça salgada
Este mar, este mar não escorre por minhas faces.
Estou com tanto frio, e não tenho ninguém ...
Nem a presença dos corvos.

Neste que é sem sombra de dúvida alguma o poema mais famoso de Patrícia Galvão, editado no *Diário de São Paulo* de 15 de agosto de 1948 sob o pseudônimo de Solange Sohl, vê-se refletida já toda a sua desilusão pelo passar dos anos de militância e guerra e a falta de resultados concretos que eles deixaram.

Pagu, enquanto Solange Sohl, anunciou-se como uma estrepante, afirmando ser "... sua realização lírica embebida de um dramatismo intenso, um compromisso para o futuro".⁶

Solange Sohl, se mais esforço tivesse sido feito por Pagu nesse sentido, poderia ter se tornado mais que um pseudônimo em um heterônimo de Pagu, tal qual os vários heterônimos deixados por Fernando Pessoa. Solange é quase que o oposto de Pagu em muitos sentidos.

Enquanto Pagu é viva, dinâmica, disposta a tudo enfrentar e combater, Solange é retraída, desiludida, afundada no seu amargor com

⁶ *Ibid.*

a vida. Enquanto Pagu usa e abusa do coloquial, Solange persegue um ideal metafísico que a aproxima bastante da procura do sentido de humanidade e ser humano advindos com o fim da Segunda Guerra Mundial e a nova realidade da Guerra Fria. Enquanto Pagu se deixa levar pelas emoções, Solange se prende a elas e a um remorso que a contorce e a persegue. Pagu é vida e energia, Solange, morte e monotonia.

O uso das palavras de forma metonímica e metafórica nesse poema é magistral. É difícil imaginar na poética brasileira uma forma mais contundente de expressar a angústia do que o realizado nesse poema em sua primeira estrofe. O poeta se vê como dependurado na parede, emoldurado e preso por um prego fixado no coração, olhos parados e dedos coagulados, impossibilitado de se expressar e de abandonar essa angústia.

A segunda estrofe mostra o mundo ao redor do poeta de forma viva e dinâmica e do qual ele se distancia, expressando apenas que o seu “sangue chora”. É também um decrescente de pessimismo expresso em verbos que se alternam entre o negativo (morrendo, caindo, estourando) e o positivo (fulgindo, subindo, passeando), mas que se conclui no negativo do aumento do lixo. Expressa a desilusão do poeta frente a uma urbanização cada vez mais massacrante.

Na terceira estrofe o poeta indaga-se e persegue a resposta para a sua angústia, sem a encontrar. É o retrato da geração pós-guerra que viu seus sonhos se desfazerem dentro do clima do getulismo e agora com o clima de animosidade e polaridade americano-soviética.

No último verso dessas três primeiras estrofes, o poeta conclui “Que monótono é o mar!”. É um verso que expressa ao mesmo tempo pura e simplesmente ser o mar monótono, mas também ser esse o retrato do ir-e-vir sem fim da existência, o que o faz ainda mais monótono para o poeta que o admira. Se comparado ao lirismo e às imagens positivas com que o mar foi retratado pelo outro grande poeta santista - Vicente de Carvalho - esta nova forma de ver o mar faz o poema de Solange

Sohl ainda mais inovador.

Na última estrofe, o poeta volta ao ponto de partida, vendo-se agora como uma natureza morta. Esta forma de se ver dentro da sociedade e da realidade urbanas foi já várias vezes expressa também em poemas de Carlos Drummond de Andrade que tem o cotidiano por tema, mas a forma como Solange o faz é mais próxima dos personagens de Clarice Lispector, principalmente da Macabéia de *A Hora da Estrela*.

O final do poema é apoteótico e afundado na solidão, lembrando muito René Crevel - poeta com o qual Pagu conviveu diretamente - na sua expressão da “fumaça salgada” (mistura de sentidos que expressa ao mesmo tempo o mar, as lágrimas e a desilusão) e da ausência até mesmo dos corvos na derradeira hora.

Este poema, que iria influenciar a geração poética de Augusto de Campos, vem a ser o retrato mais fiel e doloroso que já se fez em toda a poética brasileira da angústia e da procura de um novo ser dentro de ser que resultou do final dos ideais propostos e vividos durante as décadas de 20 e de 30.

Não é de se estranhar que pouco mais tenha Patrícia produzido sob o nome de Solange Sohl e que menos de seis meses depois de escrever esse poema tenha, sem sucesso, tentado o suicídio.

NOTHING⁷

Nada nada nada

Nada mais do que nada

Porque vocês querem que exista apenas o nada

Pois só existe o nada

Um pára-brisa partido uma perna quebrada

O nada

Fisionomias massacradas

Tipóias em meus amigos

⁷ *Id.*, p. 258.

Portas arrombadas
Abertas para o nada
Um choro de criança
Uma lágrima de mulher à-toa
Que quer dizer nada
Um quarto meio escuro
Com um abajur quebrado
Meninas que dançavam
Que conversavam
Nada
Um copo de conhaque
Um teatro
Um precipício
Talvez o precipício queira dizer nada
Uma carteirinha de travel's check
Uma partida for two nada
Trouxeram-me camélias brancas e vermelhas
Uma linda criança sorriu-me quando eu a abraçava
Um cão rosnava na minha estrada
Um papagaio falava coisas tão engraçadas
Pastorinhas entraram em meu caminho
Num samba morenamente cadenciado
Abri o meu abraço aos amigos de sempre
Poetas compareceram
Alguns escritores
Gente de teatro
Birutas no aeroporto
E nada

Neste poema, o último texto publicado por Pagu em vida no *A Tribuna* de 23 de setembro de 1962 e antes da sua partida para Paris a fim de tentar uma intervenção cirúrgica para o câncer de pulmão que a

atormentava, pode-se sentir o expressar da despedida.

Ao se imaginar chegando ao fim da vida, o poeta prepara-se para a despedida, principalmente nos últimos seis versos.

Mas, é também um texto que reflete, de certa forma, tudo o que foi Pagu.

Há o livre trabalhar da forma e da palavra, características da sua primeira fase como escritora, tanto na repetição expressiva da palavra “nada”, como na mistura jocosa com o inglês (“Uma partida for two nada”), e também no corte brusco das frases, que, assim, acabam por não se completar e transmitir ao leitor a possibilidade de procurar concluí-las.

Há um pouco de volta ao seu lado pueril com expressões tais como: “Um cão rosnava na minha estrada” e “Um papagaio falava coisas tão engraçadas”. Quem seria esse “cão”, Oswald, Prestes, Ferraz? E o “papagaio”? O “cão” pode ser também para expressar todas as dificuldades que a autora enfrentou pela vida afora. O “papagaio” é bem mais próximo da imagem de Oswald.

Há um pouco do coloquial e do inovador: “Pastorinhas entraram no meu caminho/Num samba morenamente cadenciado”.

Há também um pouco de Solange Sohl: “Uma lágrima de mulher à-toa/Que quer dizer nada/Um quarto meio escuro/Com um abajur quebrado”, tudo para expressar novamente a angústia e a solidão, agora já não mais meramente emotivas, mas também marcadas pela dor física trazida pelo câncer.

Por tudo isso, podemos concluir que esse poema foi a forma melhor encontrada por Pagu para se despedir da vida deixando as suas marcas, incluindo “um teatro”, mesmo que ainda afirmando não ter deixado “nada”.

IV. Conclusão

Depois de analisados os três poemas de Patrícia Galvão aqui selecionados, esperamos ter podido atingir o nosso objetivo primordial

com esse artigo, ou seja, o de revelar para um maior público o talento e a linguagem poética de um dos maiores expoentes da literatura moderna brasileira.

São raríssimos ainda os estudos sobre a obra de Pagu e, ainda mais, quando no que se refere à análise da sua obra poética. Sendo assim, acreditamos que esse nosso esforço venha contribuir para incentivar a exploração do universo poético galvaniano, exploração esta que acreditamos pode ajudar em muito a compreender não só a evolução da obra de Pagu propriamente dita, mas também a evolução da poesia moderna brasileira como um todo e o perambular feminino na contemporaneidade sócio-cultural brasileira.

Afinal, como bem já disse o título de um dos raros trabalhos sobre Pagu⁸, não só sua obra, mas também a sua experiência de vida são atemporais e sem delimitação no espaço, limitando-se apenas na sua procura e viagem pela liberdade e imaginação.

⁸ Lúcia M. Teixeira Furlani *Pagu Patrícia Galvão: livre na imaginação, no espaço e no tempo*, 4. ed. UNISANTA, Santos, 1999.